

**A LITERATURA INFANTIL E O LÚDICO NO TRABALHO
PEDAGÓGICO: A AQUISIÇÃO DA LEITURA E A FORMAÇÃO
DE LEITORES NO CONTEXTO DA PRÉ-ESCOLA**

Liz Daiana Tito Azeredo da Silva (UENF)

jolizdaiana@gmail.com

Andrea Rose Alves (UENF)

alvesandrea946@gmail.com

Caroline de Almeida Delgado (UENF)

mademoiselle.caroline82@gmail.com

Carlos Henrique Medeiros de Souza (UIENF)

chmsouza@gmail.com

RESUMO

O presente estudo, realizado por meio de um relato de experiência, teve como tema central abordar a contribuição da literatura infantil e seus impactos no processo de aprendizagem, na contemplação lúdica. Para a configuração do estudo, foram utilizados procedimentos metodológicos qualitativos, apoiados sobre as contribuições de Lajolo (1996), Filho (2011), Cagliari (2011), Kishimoto (2011) dentre outros, além de alguns exemplos de práticas pedagógicas, por meio de observação e da ação participante no âmbito da escola, realizadas no ano letivo de 2019, no contexto da educação infantil, localizada no município de Cardoso Moreira-RJ. Dessa forma, vislumbramos o papel do educador como agente motivador na aquisição da leitura e formação de leitores e suas responsabilidades no processo educativo, uma vez que a abordagem de contação de histórias é uma atividade que traz muitos benefícios para a criança, pois estimula a leitura, desenvolve a imaginação e enriquece o vocabulário escrito e oral, ocorrendo de forma leve e descontraída.

Palavras-chave:

Aprendizagem. Lúdico. Literatura infantil.

ABSTRACT

This study carried out through an experience report, had as its central theme to address the contribution of children's literature and its impacts on the learning process, in playful contemplation. For the configuration of the study, qualitative methodological procedures were used, we approached the contributions of Lajolo (1996), Filho (2011), Cagliari (2011), among others, and some examples of pedagogical practices, through observation and action participant within the school held in the academic year 2019, in the context of the preschool, located in the municipality of Cardoso Moreira-RJ. In this way, we envision the role of the educator as a motivating agent in the acquisition of reading and training readers and their responsibilities in the educational process, since the storytelling approach is an activity that brings many benefits to the child, stimulates reading, develops the imagination, enriches the written and oral vocabulary and all this in a light and relaxed way.

Keywords:

Learning. Ludic. Children's literature.

1. Introdução

O presente estudo, realizado por meio de um relato de experiência, teve como tema central abordar a contribuição da literatura infantil e seus impactos no processo de aprendizagem, além de apresentar as formas de contato com o texto literário no contexto da educação infantil. A metodologia adotada foi em relato de experiência, por meio de observação participante, trazendo experiências e vivências contidas em uma unidade escolar privada no município de Cardoso Moreira/RJ. O embasamento consistiu com pesquisas bibliográficas, por meio das contribuições de Lajolo (1996), Filho (2011), Cagliari (2011), Kishimoto (2011), dentre outros.

Esta pesquisa foi subdividida em quatro partes. A primeira conta com uma breve apresentação da trajetória da educação infantil, percorrendo sobre os aspectos do reconhecimento desse segmento de ensino no Brasil, visto que foi um processo marcado por concepções assistencialistas, que visava apenas ao cuidado e à higienização de crianças pequenas, sem cunho pedagógico. A segunda parte, que investiga a literatura infantil no trabalho pedagógico, destaca que esta é bem ampla e abrange diferentes gêneros literários, tradicionais e modernos, por meio de uma perspectiva histórica, com a finalidade de formar o caráter da criança, sem um viés pedagógico.

A terceira parte, sobre o lúdico na contação de histórias, disserta sobre a utilização de jogos e brincadeiras, atividades que divertem e atraem, para o processo de aprendizagem. Por fim, a última parte, apresenta um relato de experiência, com vivências de práticas de contação de histórias na educação infantil, trazendo, por meio de observação e da ação participante no âmbito da escola, algumas práticas realizadas no ano letivo de 2019.

2. Breve trajetória da educação infantil

No século XVI, as crianças não eram tratadas com suas particularidades. Eram vistas como um adulto em miniatura, participando dos mesmos lugares que os adultos. Em alguns casos, eram consideradas “objetos de prazer e distração” e também auxiliavam em afazeres domés-

ticos, além de trabalhar para contribuir com a renda familiar. (ARIÉS, 1986). Nesse contexto, iniciamos com uma breve trajetória do reconhecimento da educação infantil no Brasil, visto que foi um processo marcado por concepções assistencialistas, que visava apenas ao cuidado e à higienização de crianças pequenas, sem cunho pedagógico. Os primeiros conceitos baseavam-se na concepção apenas de cuidado, para que suas mães fossem trabalhar fora para auxiliar a renda da família e necessitavam de um local para deixarem seus filhos.

Foi a partir do século XVIII que uma preocupação com as crianças começou a existir quanto a sua formação escolar. Nesse período, elas foram separadas dos adultos, assim como os ricos dos pobres (ARIÉS, 1986). Essa preocupação com a juventude se deu por causa da revolução social imposta pelas guerras, fazendo modificar os costumes entre a Idade Média e os tempos modernos. Com a ascensão da burguesia, começou a existir um investimento na educação, no qual a infância virou o centro das atenções. Com isso, percebeu-se que esta é um período de fragilidade do ser humano e, dessa forma, precisa contar com acompanhamento e proteção contra doenças e problemas sociais.

Foi assim que a educação infantil assumiu um caráter assistencialista, de modo que a criança era tratada como um ser frágil, indefeso e completamente dependente. Os profissionais que atuavam nesses espaços não tinham formação nenhuma, agindo somente perante os cuidados básicos de higiene e regras de bom comportamento, sem a preocupação de cunho pedagógico, nos aspectos do desenvolvimento da criança.

3. A literatura infantil além do trabalho pedagógico

A Literatura infantil surgiu com a finalidade de formar o caráter da criança nos aspectos humanístico, ético, intelectual e cívico, com o propósito de transmitir ensinamentos conforme a visão do adulto. Esse procedimento ainda é adotado nos dias atuais, porém essa visão embaça a capacidade de dar condições ao indivíduo deconstruir uma percepção autônoma e crítica perante os problemas da vida. Trata-se de uma concepção de manutenção de pensamento por meio de um caráter doutrinário em discursos políticos ou religiosos.

Nesse sentido, o século XIX é considerado o momento em que se iniciou uma maior preocupação com a criança, quanto às suas necessidades e seu desenvolvimento, tornando-se, assim, campo de estudo das

ciências, entre elas, a Sociologia, a Psicologia e a Educação. Diante disso, a literatura infantil se desenvolveu de modo mais preciso, começando a pensar na criança e sua relação com os livros, com a pretensão da separação do universo adulto do infantil.

A literatura infantil no Brasil conta com uma origem muito recente, datando o século XIX, mas sendo uma literatura engajada, com um direcionamento pedagógico escolar, sem as qualidades e os atributos estéticos de um conto. Foi somente no século XX, por volta dos anos 20, que surgiu um escritor comprometido com a infância e suas particularidades: Monteiro Lobato (1882–1948), com a publicação da sua primeira obra, “A menina do narizinho arrebitado”, seguida pela criação do “Sítio do Pica Pau Amarelo”, foi o precursor de uma nova literatura destinada ao público infantil no Brasil (BRITO, 2013).

Autores como Pedro Bandeira (1942), Carlos Queiroz Telles (1936–1993), Lúcia Pimentel Góes (1934), Roseana Muray (1950) e Ziraldo (1932), entre outros, trazem as vozes das crianças e o universo cotidiano com seus conflitos para serem lidos, vistos e sentidos na literatura infantil, conflitos estes levados às crianças com a proposta de diálogo, não somente de imposição de valores, como era empregado no século anterior, passando a assumir a literatura como a arte (FILHO, 2009).

Para entender porque a literatura infantil é tão recente, seja no Brasil, seja no restante do mundo, é preciso compreender que antigamente a criança era vista como um adulto em miniatura e participava de atividades que eram próprias dos maiores, sem que houvesse nenhuma diferenciação ou adaptação para se enquadrarem à realidade das crianças. Isso aconteceu também na literatura que era direcionada para o público infantil e adulto, praticamente igual em suas origens, não levando em conta a faixa etária ou as etapas de maturidade dos dois públicos.

A noção de faixa etária em etapas ocorre também na atribuição da leitura. Os tipos de leitores variam de acordo com a idade e as fases do aprendizado, aspecto que está estritamente vinculado ao amadurecimento da criança. Isto nos confirma, portanto, que não se deve ignorar o universo em que a criança se insere. Como se pode observar a seguir, são quatro as fases de tipos de leitor, de acordo com Filho (2009, p.47, grifos do autor): “**Pré-leitor:** quinze meses aos cinco anos / Educação Infantil; **Leitor iniciante:** a partir dos cinco ou seis anos/ Ensino Fundamental; **Leitor em processo:** a partir dos dez anos/ Ensino Fundamental; **Leitor crítico:** a partir dos doze anos/ Ensino Fundamental”.

Para este estudo, limitar-nos-emos ao **pré-leitor**, caracterizado por ainda não ter a competência de decodificar a linguagem verbal escrita. Essa fase se inicia pelo reconhecimento da imagem, sem texto verbal, por meio de livros de figuras, sequências de cenas com alguns elementos estruturais da narrativa. Assumindo que um livro não é feito somente de linguagem verbal, as ilustrações, em uma obra literária infantil, são de grande importância e, por isso, faz-se importante classificá-las. De acordo com Filho (2009, p. 53-4), elas podem ser caracterizadas como:

- **“Pontual:** a ilustração tem como objetivo destacar aspectos do texto ou assinalar seu início e fim ponto Bom exemplo dessa função são as letras capitulares, que marca o início dos textos, às vezes de maneira artística e remetendo as características textuais de uma época como nos contos de fada.
- **“Descritiva:** O texto visual cumpre um papel semelhante ao da função descritiva da linguagem, Isto é, permite por meio de uma intersemiose, descrever objetos, cenário, personagem etc.
- **“Narrativa:** a ilustração tem a função de narrar, por meio de uma linguagem, uma ação, cena ou outro fato mostrado pela linguagem verbal, um ponto alto desse tipo de função está nos livros em cuja construção se utiliza apenas é ilustração para contar história, ou seja, todas as ações são contadas por meio de uma sequência de textos visuais.
- **“Simbólica:** é aquela ilustração que representa uma ideia, chamar a atenção para o caráter metamórfico da história ou é a própria história metáfora do texto verbal essa função, por sua própria característica muito vinculada a aspectos de ordem cultural, está presente em vários livros, mas o leitor crítico terá condições de perceber lá e de ampliar a possibilidade em prestação do texto.
- **“Dialógica:** bastante utilizada na Literatura Infantil contemporânea de qualidade, está presente nas ilustrações que promovem diálogo com emoções, por meio de postura, gestos e expressões de personagens e outros elementos estruturais da narrativa, além de expressar valores do destinador de caráter social e cultural, apresentando novos significados ao texto verbal.
- **“Estética:** o texto visual é construído de tal modo que a atenção do leitor se volta de maneira com a ilustração foi realizada, os materiais e as técnicas nela utilizadas, é bastante frequente, também na Literatura Infantil contemporânea com a ampliação das possibilidades de construção de projetos gráficos inovadores.
- **“Lúdica:** função se a própria ilustração pode se transformar num jogo para o leitor receptor de um texto, um bom exemplo são livros cujas indústrias são esportes servido tabuleiros para brincar.
- **“Tradutora:** contribui sobremaneira para as definições e para o entendimento do texto verbal, é a ilustração auxiliando para ampliar o texto

verbal de maneira criativa e inovadora para o leitor infantil muito próxima da função descritiva. A ilustração como esta função pode ampliar as possibilidades de interpretação do livro.

- “**Imersiva**: bastante utilizada nos suportes hipermediáticos, ela promove a interação do leitor com a obra, apontando caminhos e deixando algumas escolhas para o leitor no seu caminhar pela obra toda essa estética da hipertextualidade tem ganhado terreno nos livros de papel, modificando a maneira de conceber estrutura textual.”

Não se pode ignorar que as escolas vinculam a literatura infantil ao processo de alfabetização. É importante, porém, ultrapassar o uso dessas obras restritamente a esse fim. Defendemos aqui a construção de uma identidade cultural, em que a literatura ocupa um veículo de informação e lazer para a formação de um indivíduo, sendo capaz de estimular a argumentação e a interação com o mundo que o rodeia. Sobre a aquisição de linguagem por meio do contato com os adultos, Cagliari (2011) afirma que

A criança aprende a falar porque convive com outras pessoas que falam e porque tem uma faculdade da linguagem, também chamada de pensamento ou de mente humana. Aprender a falar depende, pois, da racionalidade humana que é dada a todo o ser humano pela natureza e da interação com outras pessoas. Como as pessoas com as quais a criança convive falam, ela acaba adquirindo a linguagem oral dessas pessoas. (CAGLIARI, 2011, p. 72)

Para a criança tornar-se uma leitora, o primeiro passo é ouvir histórias. Por isso, é tão importante esse trabalho de contação na sala de aula desde a educação infantil, pois é nessa fase que será plantada a semente do gosto pela leitura, já que o primeiro contato que as crianças têm com as histórias é pela oralidade, por meio de outras pessoas.

A contação de histórias é uma atividade que traz muitos benefícios para a criança: estimula a leitura, desenvolve a imaginação e enriquece o vocabulário escrito e oral, ocorrendo de forma leve e descontraída. As narrativas infantis, além de entreterem, também contribuem para a criação de paralelos mentais entre as dificuldades encontradas pelos personagens e os desafios das próprias crianças, que, assim, passam a ter a noção dos problemas, sendo eles graves ou não, a serem enfrentados no cotidiano do mundo real (KISHIMOTO, 2011).

Para Cagliari (2011), a atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura. É muito mais importante saber ler do que saber escrever. Com essas bases, é possível proporcionar às crianças uma leitura adequada de acordo com a sua maturidade. A

atividade de leitura é uma ação cognitiva, e, durante seu processo de deciframento de signos do texto, a criança realiza o esforço de abstração, na qual se veem as voltas da progressão da leitura em sua interpretação global. Dessa forma, o professor assume um papel fundamental nesse processo, fazendo com que o aluno possa dialogar com as diversas linguagens que compõem o livro e perceba as múltiplas linguagens construtoras dos textos. Lajolo (1996) explicita que

A leitura é, fundamentalmente, processo político. Aqueles que formam leitores – alfabetizadores, professores, bibliotecários – desempenham um papel político que poderá estar ou não comprometido com a transformação social, conforme estejam ou não conscientes da força de reprodução e, ao mesmo tempo, do espaço de contradição presentes nas condições sociais da leitura, e tenham ou não assumido a luta contra aquela e a ocupação deste como possibilidade de conscientização e questionamento da realidade em que o leitor se insere. (LAJOLO, 1996, p. 28)

Levando em consideração os pontos aqui abordados, é importante salientar que essas ações vão além de uma proposta pedagógica na perspectiva de caráter de afazeres escolares. O prazer da leitura e a experiência prazerosa têm de fazer parte das dimensões do cotidiano da escola sem a preocupação avaliativa. Assim, a perspectiva com a abordagem da literatura infantil deve visar às propostas lúdicas e artísticas, como forte aliado das práticas escolares principalmente no desenvolvimento da criança, não pondo a literatura infantil meramente ao seu uso, em datas comemorativas ou em momentos específicos.

4. O lúdico na contação de histórias

O lúdico é uma ação que se utiliza de jogos, brincadeiras e atividades que divertem e atraem para o processo de aprendizagem. Esse recurso pode ser aplicado em qualquer faixa etária. É na educação infantil, entretanto, que ele é primordial, pois é por meio de brincadeiras e simulações do cotidiano que as crianças vão aprendendo as diferentes formas de interagir e de se posicionar frente a alguns problemas (KISHIMOTO, 2011).

Como afirma as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil (BRASIL, 2010), as práticas pedagógicas devem garantir diferentes experiências. Em seu capítulo 11, que versa sobre as Práticas Pedagógicas da Educação Infantil e apresenta-as como Eixos do currículo, está escrito que “As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as intera-

ções e a brincadeira” (BRASIL, 2010, p. 25) e visa, com isso, garantir experiências, dentre outras, que: promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança (BRASIL, 2010).

Por isso, o brincar é uma atividade de importância. É por meio dela que a criança vai formando o seu aprendizado, sua forma de ver o mundo. Crianças e jovens que não brincam se tornam adultos duros, que não sabem trabalhar coletivamente, que não conseguem desenvolver atividades coletivas e possuem dificuldades em lidar com o outro (KISHIMOTO, 2011).

O lúdico é uma das ferramentas mais importantes para a aprendizagem das crianças, além de ser uma forma de integrá-las e socializá-las. Partindo da premissa de que brincar é uma importante atividade executada pela criança na infância, em que, pela simplicidade e espontaneidade, ela desenvolve suas ações nas brincadeiras, é possível estabelecer e desenvolver estruturas cognitivas, físicas, afetivas e sociais, sem as quais o desenvolvimento da criança estaria comprometido parcialmente. Dessa maneira, Kishimoto (2010, p. 11), nos remete à seguinte reflexão:

É preciso desconstruir essa visão equivocada para pensar na criança inteira, que, em sua subjetividade, aproveita a liberdade que tem para escolher um brinquedo para brincar e a mediação do adulto ou de outra criança, para aprender novas brincadeiras. A criança não nasce sabendo brincar, ela precisa aprender, por meio das interações com outras crianças e com os adultos. Ela descobre, em contato com objetos e brinquedos, certas formas de uso desses materiais. (KISHIMOTO, 2010, p. 11)

A brincadeira não é só importante na educação, mas para o ser humano como um ser em desenvolvimento. Brincar deve ser algo a ser resgatado tanto na família como na escola. Deve-se brincar mais. O aprender em si, quando lúdico, é um processo prazeroso, de descoberta e de curiosidade. Nesse sentido, precisa-se resgatar a brincadeira como uma forma de conhecer o mundo, como caminho para ampliar os horizontes, uma maneira de poder enriquecer a vida. Na concepção de Kishimoto (2010, p. 7),

Há diferentes gêneros de histórias que encantam as crianças. As histórias do mundo encantado dos contos de fadas, de reis, bruxas e super-heróis contêm expressões que marcam sua estrutura, como “Era uma vez”, “Depois”, “E viveram felizes para sempre”. O começo, o meio e o fim proporcionados por esse gênero de literatura auxiliam a criança a ampliar narrativas. Ao agregar a natureza lúdica no recontar histórias, a livre expressão de experiências, vivências e formas de ver o mundo penetra nas

narrativas infantis. Nas histórias recriadas pelas crianças, a Branca de Neve vira Morena das Neves, trazendo as questões da diversidade; o lobo da história de Chapeuzinho Vermelho desdobra-se no lobo do “bem” e do “mal”. (KISHIMOTO, 2010, p. 7)

Sendo assim, é importante que o professor utilize-se da ludicidade em sala de aula. Para isso, ele precisa ter um bom planejamento, com objetivos claros, que tenham intencionalidade de atingir aquelas expectativas de aprendizagem. Então, quando é levada uma proposta lúdica para a sala de aula, os objetivos desse trabalho devem estar acordo com o conteúdo com que se pretende envolver a criança, pois é no lúdico que esta vai interagindo e conseguindo fazer essas relações com a aprendizagem.

Essa proposta irá criar um ambiente estimulador da aprendizagem a partir do interesse da criança. Se esta tem o prazer de brincar, ela vai aprender brincando, e, assim, o clima de sala de aula fica muito mais agradável e atrativo. Dito isso, como então trazer esse prazer das brincadeiras no momento da contação de histórias? O uso de fantoches, bonecos e, até mesmo, outros brinquedos pode ser um ótimo recurso nesse momento. Usar a imaginação e deixar que a criança se sinta confortável em ser criativa no decorrer da história, seja cantando, mudando a entonação de voz, imitando o som ou uma atitude do personagem, envolvendo a criança na história contada por meio de perguntas, fazendo-a refletir, imaginar e criar novas possibilidades. Tudo isso engloba a ludicidade.

A contação de histórias é uma atividade cercada de magia aos olhos dos pequenos e que envolve todos que estão nesse momento de fantasia. Ao contar histórias, o professor estabelece com o aluno um clima de cumplicidade, que remete ao período dos antigos contadores de histórias, os quais, envolta da fogueira, contavam aos ouvintes, atentos, os valores e costumes do seu povo. Assim também nas escolas as crianças se reúnem em volta dos professores para ouvirem as histórias. Depois de escutá-las, os alunos querem continuar sentindo aquele prazer e, conseqüentemente, pedem para ler o livro novamente. Esse momento é muito importante, quando o professor, por meio da narração, faz despertar nas crianças o desejo de ouvir, ler e descobrir novas histórias.

5. Relato de experiência: vivências de práticas de contação de histórias na educação infantil

Destinamos esta parte à apresentação de algumas experiências vivenciadas na prática de contação de histórias no contexto da sala de aula de educação infantil. A finalidade do trabalho com a contação de histórias é proporcionar às crianças um momento para refletir a sua relação com o mundo, como também suas atitudes com o outro, e favorecendo, assim, a cultura de valorização da leitura. Esse momento, portanto, precisa ser bem planejado e executado.

Foi durante a disciplina intitulada *Infâncias, brincadeiras e aprendizagem*, cursada na licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) e ofertada pela professora Liz Daiana, que aflorou o interesse em desenvolver um trabalho para se debruçar sobre o lúdico e a literatura infantil, pois os conteúdos e as atividades desenvolvidos pela professora motivava-nos a repensar sobre nossa identidade, voltada a uma prática profissional significativa. Tais práticas trouxeram à luz a compreensão do papel do professor na formação de leitores e a diferença de ler e contar histórias, além de reflexões que norteiam a ação docente.

Dessa forma, os momentos da leitura foram estabelecidos como fundamentais nas suas concepções e execuções, o que destaca a necessidade de se romper com “uma tradição escolar pobre e improvisada” na contação de histórias (LAJOLO, 1996). Evidenciou-se também que a modalidade das linguagens não verbais na obra infantil, como a tátil, é uma estratégia na formação de leitores. A literatura infantil é, desse modo, além de um instrumento pedagógico, uma arte, funde sonhos e imaginário (FILHO, 2011; KISHIMOTO, 2010).

O contato com diferentes formas de letras em cartazes, propagandas, embalagens, refrigerantes, revistas e jornais auxilia a entrada no mundo letrado. Brincar de colecionar, comparar e fazer álbuns com letras, verificar se uma tem perna de um lado ou de outro, partes abertas e fechadas, diferenciar os números são brincadeiras interessantes que se podem fazer na sala. Brincar de fotografar ou desenhar letreiros, placas de carros, sinais de trânsito, propagandas, visitar um supermercado e verificar sua sinalização e as marcas dos alimentos são interessantes “passeios” para iniciar a criança no mundo dos diferentes textos. Desenhar, pintar, dançar, cantar e imitar a mãe que dá comida ao bebê são outras formas de letramento, textos que enriquecem as experiências das crianças. Nesse percurso, é importante que a criança seja agente, tenha iniciativa e oportunidade de falar, de se expressar e participar do mundo letrado. (FILHO, 2011; KISHIMOTO, 2010).

O período relatado foi referente ao ano letivo de 2019, no contexto de atuação profissional que consiste 18 anos de experiência na educação infantil, em uma escola da rede privada de ensino, localizada no município de Cardoso Moreira-RJ. As atividades de leitura estão previstas no cronograma da escola, porém se procura ir além, como, por exemplo, na confecção de material, figurino, decoração da sala e caracterização dos personagens de acordo com a história contada. Para estimular bastante a formação de leitores, toda semana, em especial às sextas-feiras, é o dia do varal de história.

A hora da história é algo que estimula a curiosidade das crianças, podendo adotar vários modos de exposição e interação com elas. Nas figuras 1 e 2, exibem-se partes da contação da história “Chapeuzinho Vermelho”. Nos momentos de história, é pensada toda a adequação do ambiente, com a caracterização da personagem, entonação da voz e expressão corporal. Posteriormente, as crianças são convidadas a encenar a história, momento que mergulham no universo da imaginação.

Figura 1: História do Chapeuzinho Vermelho.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 2: História do Chapeuzinho Vermelho.



Fonte: Acervo pessoal.

Nessa atividade, trabalhou-se a questão do comportamento e das linguagens interativas. Foi explicado às crianças que a mãe da Chapeuzinho Vermelho pediu a ela que tomasse cuidado e não se desviasse do caminho conhecido. Quando a Chapeuzinho desobedeceu à mãe e ouviu o lobo, colocou a avó em perigo. Por meio desse enredo, buscamos oferecer um olhar mais atento às múltiplas linguagens, evidenciando que as atividades de leitura sugerem um diálogo com as crianças com a reflexão sobre a concepção dos alunos perante os personagens da história.

Na figura 3, contou-se a história “Branca de Neve e os sete anões”. Nessa historinha, foi mostrado às crianças como a rainha má sentia inveja da Branca de Neve e tentou matá-la, porém esta foi salva por um caçador e depois acolhida pelos sete anões. Desde a educação infantil, a contação de história desperta a autonomia e o pensamento, tudo por meio vivências obtidas durante o momento da história, despertando as emoções, medo e euforia, que acaba amparando a criança das sobrecargas emocionais. Por isso, é de suma importância dar voz a criança, fazer com que ela se sinta ouvida e amparada, o docente por sua vez, tem que possuir uma postura atenta e interagir sempre com os pequenos, expondo cada parte do texto com coerência, clareza e objetividade.

Figura 3: História da Branca de Neve e os Sete Anões.



Fonte: Acervo pessoal.

Nessa história, foi abordado o modo como devemos ser gentis, bondosos e carinhosos. O momento também foi aproveitado para abordar um pouco de matemática com as crianças, falando dos numerais de 1 a 7, porém de maneira lúdica e descontraída. Tendo em vista a importância do letramento literário na alfabetização, os momentos de contações de histórias são um fator estratégico para se iniciar o gosto e hábito à leitura, além de promover nas crianças o desenvolvimento da imaginação, a capacidade de sequência lógica aos fatos, ampliação das experiências sociais e do vocabulário.

Esses momentos promoveram muita interação e múltiplos desenvolvimentos. De forma lúdica, as crianças aprenderam brincando. Na figura 4, foi contada a historinha “O Rei Leão”, na qual se narra a aventura de um pequeno leãozinho, que acaba envolvido nas artimanhas do seu tio e é acusado pela morte de seu pai, que era, até então, o Rei. O filhote foge do reino, encontra dois amigos, um javali e um suricate, e, juntos, vivem várias aventuras.

Figura 4: História do Rei Leão.



Fonte: Acervo pessoal.

Nessa história, buscou-se apresentar às crianças o valor de ter amigos verdadeiros e a importância do respeito e da lealdade. Realizando uma conexão com a disciplina Ciências, comentou-se sobre os animais, por meio do reconhecimento das vozes dos bichinhos: a professora questionava o som que o leão faz, e todas as crianças imitavam; perguntava o que a borboleta faz, e os alunos simulavam o bater das asinhas.

Durante a contação, os alunos participaram entusiasmados. É incrível ver, ao final do processo, as crianças fazendo perguntas, pedindo para repetir, manusear os livros e explicar ideias. Isso nos revela onde e como podemos prosseguir nas próximas contações, pois é o público que nos direciona no fazer pedagógico. Por fim, as próprias crianças dão sugestões sobre o tipo de história que elas gostariam de ouvir. Nas nossas propostas por meio do contato com as obras literárias, desenvolvem-se também a expressão corporal, com objetivo de que o aluno possa aprender diferentes maneiras de se expressar. Ele é inserido nas atividades de dança, pintura e contatos com músicas afro-brasileiras, proporcionando desenvolvimento de capacidades motoras, além da promoção e da valorização de nossa cultura popular.

A figura 5 exhibe a caracterização da história “Bela e a Fera”. Durante a contação, foi explicitada a relação entre pessoas e a importância

de não se julgar o outro pela aparência, trabalhando o respeito à diversidade. As histórias lidas buscam, assim, inserir, no contexto infantil, questões relacionadas ao respeito às relações étnico-raciais, valorizando o outro em suas diferenças. É importante salientar que todo figurino e confecção do material é fruto de uma elaboração própria da professora da turma, tudo pensado na articulação, interação e adequação da leitura para os alunos.

Figura 5: História da Bela e a Fera.



Fonte: Acervo pessoal.

Na figura 6, foi a contação da história “Pequeno Príncipe”. Desse modo, a leitura proporciona o desenvolvimento emocional, social e cognitivo dos alunos. Formar leitores não é uma tarefa fácil. Requer engajamento, planejamento e uma postura motivadora, mas o retorno é motivador. Conforme aponta Lajolo (1996), os textos literários realçados, ao contrário da leitura fechada do sistema escolar, oferecem ao leitor um conceito múltiplo de leitura. Enquanto os sistemas de ensino reforçam a repetição, os leitores dos textos literários analisados questionam essa repetição, traduzindo o ato de ler como atividade criadora.

Figura 6: História do Pequeno Príncipe.



Fonte: Acervo pessoal.

Foi montado o cenário e contado as aventuras do “Pequeno Príncipe”, cuja trama narra um piloto que cai com seu avião em um deserto e encontra o personagem principal. Juntos, vão em uma viagem entre os planetas, vivenciando muitas aventuras. Com essas experiências, que envolve os alunos de maneira lúdica e atrativa, fica mais fácil atraí-los no universo da leitura, de maneira afetiva, além de estimular a confiança e autoestima.

É válido dizer que sempre ao final de cada contação, gosto de fazer uma grande roda de conversa, com perguntas e as crianças vão interagindo com as situações e personagens que apareceram na história. Neste momento elas se soltam, fazem seus questionamentos, dão suas opiniões, imitam os personagens e sempre pedem para que a história seja contada novamente.

6. Conclusão

O presente estudo, realizado por meio de um relato de experiência, teve como tema central abordar a contribuição da literatura infantil e apresentar as formas de contato com o texto literário no contexto da pré-escola. Diante de algumas práticas citadas ao longo do trabalho, com intuito de estimular a leitura desde a primeira infância e estabelecer a possibilidade de os alunos acessarem novos mundos por meio da leitura, foi possível estreitar o contato das crianças com os textos, uma vez que se estabeleceram alguns critérios: planejamento, cenário, entonação da voz, encenação, expressão corporal, adequação do material, confecção de roupas e a busca da participação das crianças.

Portanto, este trabalho teve como objetivo apresentar de como se permeou a literatura infantil no contexto de práticas educativas desenvolvidas no âmbito de uma rede privada no município de Cardoso Moreira. As atividades tiveram o intuito de promover uma aproximação da criança com o universo da leitura por meio de estratégias lúdicas tornando o aluno protagonista desse processo de aprendizagem.

É válido dizer que, sempre ao final de cada contação, é feita uma grande roda de conversa, com perguntas, e as crianças vão interagindo com as situações e personagens que apareceram na história. Nesse momento, elas se soltam, fazem seus questionamentos, dão suas opiniões, imitam os personagens e sempre pedem para que a história seja contada novamente.

Ainda dentro da roda de conversa, é gratificante envolvê-los com músicas que falam da história, esse momento é muito importante, pois a musicalização aumenta a capacidade de memorização, a afetividade, além de estimular a confiança e autoestima, tornando o momento muito mais agradável e proveitoso. Algumas histórias já eram conhecidas por algumas crianças; outras passaram a conhecer em sala de aula. Dessa forma, a prática adotada, auxiliou na ampliação do repertório linguístico, aperfeiçoamento da capacidade da imaginação e da criatividade, além habilidades socioemocionais.

A partir deste trabalho, confirmou a certeza, através das pesquisas feitas e lembrando as experiências vividas, a importância de se trabalhar o lúdico com as crianças vendo na prática o desenvolvimento delas, de como elas aprendem melhor e se socializam mais através da aplicação destas práticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Phillippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1961.

BRITO, Rosa Suzana Alves de. *Literatura infantil no processo de aquisição da leitura e da escrita*. Mamanguape: [s.n.], 2013.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Algumas questões de Linguística na alfabetização*. São Paulo: Unesp, 2011.

FILHO, José Nicolau Gregorin. *A literatura infantil hoje: múltiplos olhares, diversas leituras*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2011.

FILHO, José Nicolau Gregorin. *Literatura infantil: breve percursos histórico*. In: _____. *Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores*. São Paulo: Melhoramentos, 2009. p. 22-37

KISHIMOTO, T. M. *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Pioneira, 2011.

LAJOLO, Maria. *A formação do leitor no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.